

Contribuições da Antropologia Fenomenológica de Edith Stein Para o Constructo da Personalidade Humana na Psicologia.

Contributions of Edith Stein's Phenomenological Anthropology to the Construct of Human Personality in Psychology.

Tommy Akira Goto¹

Thaís Morais Lima Santos²

Resumo:

O artigo tem como objetivo analisar as contribuições da antropologia fenomenológica de Edith Stein para o constructo da personalidade humana na Psicologia, buscando evidenciar como sua proposta supera o reducionismo naturalista e oferece fundamentos ontológicos e epistemológicos sólidos para a compreensão integral da pessoa. O estudo adota como método a pesquisa bibliográfica de obras de Stein e intérpretes, a fim de descrever as dimensões constitutivas do ser humano, a saber: corpo, psique e espírito, e suas relações dinâmicas na formação da personalidade. A partir da perspectiva fenomenológica, a investigação identifica que a personalidade não se reduz a traços mensuráveis ou reações observáveis, mas configura-se como estrutura viva e dinâmica, fundada na liberdade e responsabilidade ética. O núcleo pessoal, conceito central na obra de Stein, é apresentado como centro de unificação das potências anímicas e espirituais, orientando o desenvolvimento do caráter e a autoformação da pessoa. Os resultados indicam que a antropologia steiniana oferece uma base teórica capaz de integrar interioridade e exterioridade, subjetividade e objetividade, vida individual e comunitária, contribuindo para uma Psicologia da Personalidade fundamentada na compreensão eidética e na análise rigorosa da experiência vivida. Conclui-se que a fenomenologia de Stein possibilita uma leitura abrangente e interdisciplinar da constituição humana, fortalecendo o diálogo entre filosofia e psicologia e ampliando as possibilidades de investigação científica sobre a pessoa em sua totalidade.

¹ prof-tommy@hotmail.com; lattes.cnpq.br/0629687499521125;
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4972-7801>

² thaismoraisls@hotmail.com; lattes.cnpq.br/1690953956822070;
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3684-645X>

Palavras-chave: Antropologia filosófica. Psicologia fenomenológica. Estrutura da pessoa humana. Tipos psicológicos. Teorias da personalidade.

Abstract:

The article aims to analyze Edith Stein's phenomenological anthropology contributions to the construct of human personality in Psychology, seeking to demonstrate how her proposal transcends naturalistic reductionism and provides solid ontological and epistemological foundations for a comprehensive understanding of the person. The study employs bibliographical research as its method, focusing on Stein's works and their interpreters, to describe the constitutive dimensions of the human being – namely, body, psyche, and spirit – and their dynamic relations in the formation of personality. From a phenomenological perspective, the investigation reveals that personality cannot be reduced to measurable traits or observable reactions, but is instead configured as a living and dynamic structure grounded in freedom, intentionality, and ethical responsibility. The personal nucleus, a central concept in Stein's work, is presented as the center of unification of the psychic and spiritual powers, guiding the development of character and the self-formation of the person. The results indicate that Stein's anthropology offers a theoretical basis capable of integrating interiority and exteriority, subjectivity and objectivity, individual and community life, contributing to a Psychology of Personality grounded in eidetic understanding and the rigorous analysis of lived experience. It is concluded that Stein's phenomenology enables a comprehensive and interdisciplinary reading of human constitution, thereby strengthening the dialogue between philosophy and psychology and expanding the possibilities for scientific investigation of the person in their totality.

Keywords: Philosophical anthropology. Phenomenological psychology. Structure of the human person. Psychological types. Personality theories.

Introdução

A constituição da Psicologia como ciência autônoma é frequentemente associada ao marco histórico de 1879, quando Wilhelm Wundt fundou o primeiro laboratório de pesquisas psicológicas na Universidade de Leipzig. A partir desse acontecimento, difundiu-se a psicologia experimental, sustentada por métodos empíricos e pela busca de legitimação científica, em consonância com o positivismo que predominava no século XIX. Esse movimento permitiu a ampliação de pesquisas e a ocupação de espaços acadêmicos, mas também provocou intensos debates epistemológicos sobre a especificidade e os limites do objeto de estudo da nova disciplina (HEIDBREDER, 1981; SAHAKIAN, 1982).

Nesse contexto, a Psicologia buscou modelos de cientificidade inspirados nas ciências naturais, priorizando mensuração, experimentação e explicações de caráter fisiológico e matemático. Contudo, essa perspectiva reducionista foi alvo de críticas, especialmente no campo filosófico, cujos filósofos como Edmund Husserl (1859-1938) e Edith Stein (1889-1942), pertencentes a escola fenomenológica, apontaram para a necessidade de uma fundamentação mais ampla, capaz de abarcar a totalidade da experiência humana. Para eles, compreender o psiquismo exigia considerar não apenas aspectos biológicos, mas também dimensões espirituais (ou propriamente humanas) e a intencionalidade da consciência, em contraste com a tendência positivista de fragmentação do real (ALES BELLO, 2004).

As investigações empíricas das particularidades humanas levaram à intensificação do interesse pelo estudo da personalidade, do caráter e do temperamento. Desde as concepções clássicas da Antiguidade, como os quatro elementos de Empédocles e a teoria dos humores de Hipócrates, passando pela fisiognomia, frenologia e caracterologia literária, diferentes tentativas foram feitas para explicar as particularidades individuais. Embora muitas dessas abordagens tenham sido posteriormente desqualificadas, elas contribuíram para a formulação de hipóteses e modelos que influenciaram a psicologia diferencial e a psicometria, como evidenciado, por exemplo, nos trabalhos pioneiros de Francis Galton e nas reflexões de John Stuart Mill (SANTOS, 2021).

Gordon Allport, no século XX, destacou a complexidade conceitual do termo “personalidade”, salientando que as definições existentes podiam ser agrupadas em três grandes vertentes: aquelas centradas nos efeitos sociais externos, as estruturais internas e as positivistas. A diversidade terminológica revelava tanto a relevância do tema quanto a ausência de consenso metodológico e epistemológico em torno dele. Essa multiplicidade de concepções indica a

necessidade de uma abordagem rigorosa que vá além de descrições superficiais ou explicações reducionistas (ALLPORT, 1973).

É nesse ponto que a fenomenologia, especialmente a desenvolvida por Husserl e aprofundada por Edith Stein, apresenta-se como alternativa. O método fenomenológico propõe um “retorno às coisas mesmas”, suspendendo pré-juízos e teorias previamente estabelecidas para alcançar a essência dos fenômenos. Trata-se de um esforço para descrever com rigor a intencionalidade da consciência e os modos como o ser humano se relaciona com o mundo (GOTO, 2008a). Aplicada à Psicologia, essa perspectiva exige delimitar claramente o objeto de estudo e, a partir daí, construir metodologias adequadas para investigá-lo.

Stein, em particular, contribuiu de maneira decisiva ao analisar a estrutura da pessoa humana sob uma ótica fenomenológica (ALES BELLO, 2014; GOTO; MORAES, 2016). Em suas obras distinguiu corpo, psique, alma e espírito como dimensões constitutivas do sujeito, permitindo a proposição de que apenas a consideração integrada desses níveis poderia fundamentar uma ciência psicológica consistente. Além disso, sua crítica ao modelo naturalista mostrou que a tentativa de aplicar esquemas explicativos das ciências físicas aos fenômenos mentais levava a impasses, especialmente no problema mente-corpo (MORAES, 2016). Para Stein, compreender o ser humano exige articular causalidade psíquica, vivências espirituais – ou propriamente humanas – e intersubjetividade a partir da vida comunitária (SANTOS, 2021).

Essa perspectiva dialoga com questões epistemológicas ainda atuais. A partir da fenomenologia steiniana evidencia-se que o estudo da personalidade não pode restringir-se a classificações externas ou medições psicométricas, uma vez que demonstra os limites das psicologias empírico-naturalistas. Uma autêntica Psicologia deve ir além da mera observação externa e reconhecer a dinamicidade interna e significativa do ser humano, ou seja, buscar o sentido essencial do humano, considerando sua singularidade e abertura ao outro. Tal proposta oferece um caminho para superar equívocos históricos da Psicologia, marcada ora pelo reducionismo biológico, ora por concepções vagas e pouco rigorosas (SANTOS, 2021). Portanto, a investigação fenomenológica da pessoa humana realizada por Edith Stein constitui um apporte relevante para a Psicologia contemporânea, ao propor uma ciência capaz de unificar método e objeto sem incorrer em fragmentações ou confusões conceituais (GOTO; MORAES, 2016).

A partir desse quadro, o presente artigo tem como objetivo explorar as contribuições da fenomenologia de Edith Stein para a descrição e compreensão do fenômeno da personalidade humana, destacando em seu percurso: (a) os fundamentos da Fenomenologia filosófica que

embasam a proposta steiniana e permitem o desenvolvimento de uma Psicologia Fenomenológica; (b) e, a partir de tal base investigativa segura, descrever as dimensões constitutivas da pessoa humana e (c) suas inter-relações na formação da personalidade, (d) apontando para uma tipologia e possibilidades de autoformação a partir das vivências pessoais e comunitárias.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza teórico-bibliográfica, fundamentada na leitura analítica das obras de Edith Stein. Os textos-base de Stein utilizados na pesquisa foram os seguintes: “Contribuições à fundamentação filosófica da Psicologia e das ciências do espírito” (*Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*) de 1922/2005; “Estrutura da pessoa humana” (*Aufbau der menschlichen person*) de 1932/2003; “Ser Finito e Ser Eterno” (*Endliches und Ewiges Sein*) de 1950/2007; “Introdução à Filosofia” (*Einführung in die Philosophie*) de 1920/2005; “A Mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça” (*Die Frau: Ihre Aufgabe nach Natur und Gnade*) de 1930/1999; “Ato e potência. Estudos sobre uma filosofia do ser” (*Akt und Potenz. Studien zu einer Philosophie des Seins*) de 1931/2007; “Sobre o problema da empatia” (*Zum Problem der Einfühlung*) de 1917/2005 e a conferência “O Intelecto e os Intelectuais” (*Der Intellek und die Intellektuellen*), proferida em 1930, presente nas “*Obras Completas – Vol. IV Escritos Antropológicos y Pedagógicos (Magisterio de vida Cristiana, 1926-1933)*” de 2003; todos excertos e obras de Edith Stein nos quais encontraram-se análises a respeito da estrutura e dinamicidade do ser humano e ou que apontam para a constituição da personalidade humana propriamente dita.

Foram utilizadas ainda, leituras de alguns dos intérpretes das ideias e obras steinianas e husserlianais que dialogam com o tema proposto ou de algum modo oferecem subsídios para sua fundamentação e discussão: Ales Bello (2015), Almeida (2016), Coelho e Barreira (2018), Dullius (2019), Escalera (2008), Lersch (1966), Muñoz (2016), Polaino-Lorente, Truffino e Armentia (2003) e Santos (2015) compõem o desenvolvimento do trabalho, possibilitando suplementações e corroborações às descrições evidenciadas a partir das obras steinianas. Deste modo, o presente trabalho busca oferecer fundamentos teóricos sólidos para a Psicologia da Personalidade contemporânea a partir das contribuições da Antropologia Fenomenológica de Edith Stein, ampliando sua capacidade de interpretar a complexidade da condição humana em

todas as dimensões que constituem sua estrutura, em especial no que se refere ao constructo³ da personalidade.

Psicologia Fenomenológica: Fenomenologia enquanto método rigoroso para o estudo da personalidade humana

A Fenomenologia, fundada por Edmund Husserl, é uma filosofia de rigor e um método de investigação dos fenômenos e das vivências; ainda, consiste na investigação filosófica que busca elucidar as condições de possibilidade da doação de sentido em sua condição originária. Assim, a Fenomenologia surge como via privilegiada para compreender a constituição da personalidade humana. Nesse contexto, o método fenomenológico, fundado por Husserl, assume papel fundamental. Partindo da etimologia de *phainómenon* e *lógos*, a Fenomenologia propõe-se como ciência dos fenômenos, daí que se mostra à consciência em sua evidência própria. Trata-se de um percurso metodológico — um método no sentido de *meta-hódos*, caminho a ser percorrido — que visa alcançar a essência (*eidos*) do objeto, distinguindo-se das abordagens que se limitam ao registro de fatos ou à descrição sensorial da experiência. Husserl insiste que a consciência possui a capacidade originária de intuir essências, o que significa que o ser humano não se relaciona apenas com dados exteriores, mas também com a dimensão interior que constitui o sentido da vivência. Essa ênfase no sujeito transcendental abre caminho para uma psicologia que não se limita ao registro empírico, mas busca compreender a estrutura do psiquismo a partir de sua intencionalidade (HUSSERL, 1952/2014; ALES BELLO, 2006; GOTO, 2008a).

A Psicologia Fenomenológica, conforme proposta por Husserl, não deve ser confundida como uma abordagem da Psicologia e da Psicoterapia. Diferentemente, trata-se de uma ciência rigorosa da subjetividade psíquica que permanece na atitude natural, sem realizar a suspensão radical do mundo (GOTO, 2008a). O seu objeto é o “eu empírico/psicológico”, entendido como aquele que vive no mundo e experimenta suas vivências psíquicas (afetos, percepções, desejos, recordações etc.). Embora empregue o método fenomenológico, como a redução eidética e a variação imaginária, essa psicologia não adentra analiticamente ao plano da constituição transcendental. Assim, o seu escopo é descritivo e eidético: uma ciência apriorística das

³ Os constructos são conceitos que são deliberadamente adotados para um propósito específico, são representações abstratas de fenômenos observados. A medição de constructo é fundamental para garantir a qualidade das pesquisas, mas antes é necessário definir com clareza o constructo que se quer medir (SERRA, 2019).

vivências psíquicas, voltada à análise das estruturas intencionais do psiquismo tal como ele se mostra (GOTO, 2008b).

A Psicologia Fenomenológica, proposta por Husserl e seguida por Stein, buscava superar tanto o empirismo reducionista quanto o racionalismo abstrato, oferecendo fundamentos sólidos para uma nova Psicologia científica, orientada pela descrição do vivido e pela análise da subjetividade psicológica e transcendental. Nesse horizonte, Edith Stein, seguindo a acepção husserliana, aprofunda a compreensão da "subjetividade psíquica", indicando que ela não se reduz à consciência pura/transcendental, mas abarca igualmente a esfera do sensível, ou seja, aquela esfera experiencial em que a realidade transcendente se expressa de modo imediato nas vivências (STEIN, 1922/2005).

Ainda, Stein compreendeu com rigor filosófico a distinção entre os diversos níveis da experiência subjetiva, indo além: desenvolveu uma "fenomenologia do ser humano", orientada não apenas à descrição isolada dos atos psíquicos, mas à investigação da estrutura unitária da pessoa, ou seja, a pessoa humana é concebida como uma totalidade viva e integrada. Outra contribuição de Edith Stein consistiu em esclarecer e articular a Psicologia Fenomenológica com a antropologia filosófica fundada na essência da pessoa humana. Com isso, abriu-se um fecundo caminho investigativo que, a partir da descrição meticolosa das estruturas da subjetividade, da empatia, da motivação e da constituição espiritual, permitindo a compreensão da pessoa humana não apenas como centro de atos psíquicos, mas como um ser dotado de sentido, enraizado no mundo e aberto à transcendência (STEIN, 1932/2003).

O interesse pela constituição humana é uma das questões centrais das ciências do espírito, sendo que o problema da personalidade humana sempre ocupou lugar central na Psicologia, apresentando-se como um dos temas em que mais se evidenciam os limites das abordagens puramente empíricas ou positivistas (SANTOS, 2021). A tradição que emergiu entre o final do século XIX e início do século XX, profundamente marcada pelo cientificismo e pela tentativa de quantificação dos fenômenos psíquicos, buscou reduzir a personalidade a fatores observáveis, mensuráveis e, em última instância, previsíveis. Nesse horizonte, o ser humano aparecia muitas vezes dissolvido em funções, respostas ou estruturas externas, de modo que o núcleo mais próprio da experiência pessoal permanecia à margem (ALES BELLO, 2004).

A noção de personalidade, etimologicamente vinculada à ideia de "máscara" (*persona*), evoluiu para abarcar processos internos, condutas persistentes, emoções e a singularidade do indivíduo (LIBRÁN, 2015). Autores como Hall, Lindzey e Campbell (2007) ressaltam a coexistência de concepções divergentes — desde teorias psicodinâmicas até interacionistas —

e alertam para o risco do “imperialismo teórico”, em que cada corrente assume seu modelo como único e universal. Essa fragmentação se expressa em diferentes categorias de definição (aditivas, integrativas, hierárquicas, adaptativas e distintivas), cada qual privilegiando dimensões particulares da experiência humana (LIBRÁN, 2015). John, Robins e Pervin (2008) observam um amadurecimento do campo, caracterizado por abordagens múltiplas (psicanalíticas, cognitivas, genéticas, socioculturais), integrando níveis de análise diversos e considerando tanto fatores internos quanto contextuais.

Todavia, as controvérsias persistem, sobretudo entre perspectivas que enfatizam a estabilidade e universalidade dos traços (como nos modelos baseados em evidências biológicas e psicométricas) e aquelas que defendem o caráter construído e histórico da subjetividade, como a psicologia histórico-cultural (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2007; MARTINS, 2004). Essa última, ao compreender a personalidade como produto das relações sociais e materiais, nega sua essência estável, reduzindo-a a um reflexo das condições históricas e ideológicas. Em paralelo, abordagens contemporâneas, como a psicopatologia da personalidade, vêm ganhando destaque. Livesley e Larstone (2018) enfatizam a necessidade de modelos dimensionais e integrativos, capazes de captar as nuances e complexidades das desordens de personalidade, em contraste com a rigidez categorial dos manuais diagnósticos.

O estudo da personalidade na Psicologia revela a ausência de um consenso histórico e epistemológico e permanece tensionado entre múltiplas tradições teóricas e metodológicas, configurando-se como um campo fragmentado e de difícil sistematização. Desde Husserl (1954/2012), que apontou o “enigma da subjetividade”, até os debates contemporâneos, observa-se que a Psicologia, ao buscar aproximação com as ciências naturais sob o viés positivista, acabou por se distanciar de suas raízes filosóficas, incorrendo em delimitações reducionistas de seus objetos de estudo (GOTO, 2008a). A Fenomenologia, diferentemente, recoloca o problema da personalidade em sua profundidade, reconhecendo que ela não pode ser compreendida apenas como soma de comportamentos ou traços, mas como um modo de ser que se constitui na interioridade e se manifesta nas relações. Tal reposicionamento se revela decisivo, pois permite integrar subjetividade e objetividade sem reduzi-las, possibilitando à Psicologia uma via rigorosa de acesso à essência da pessoa.

É nesse horizonte que Albert Wellek (1977) insere suas reflexões sobre a personalidade. O autor sustenta que a Fenomenologia oferece à Psicologia não apenas introspecção, mas uma captação descritiva e compreensiva (*verstehende*) da experiência, superando tanto o subjetivismo quanto a objetivação reducionista. Um dos pontos mais significativos de sua

contribuição está na distinção entre caráter e personalidade, bem como na elaboração de uma teoria estratificada do caráter. Wellek concebe a personalidade como estrutura relativamente constante e dinâmica, em permanente desenvolvimento, cujos estratos se organizam em duas direções: uma funcional, que vai do nível vital e impulsivo até o nível da razão e da vontade, e outra nuclear, que parte do centro mais íntimo da pessoa e se desdobra em camadas interdependentes. Essa visão recusa explicações unicamente comportamentais ou experimentais, reconhecendo que a subjetividade é também um dado objetivo e científico, capaz de ser descrito fenomenologicamente e, por isso, essencial para a Psicologia.

Edith Stein amplia esse horizonte ao enfatizar a importância do autoconhecimento e da interioridade na constituição da pessoa: segundo a mesma, a estrutura da personalidade não pode ser compreendida sem considerar o núcleo pessoal que orienta escolhas, hábitos e direções de vida. Stein não comprehende a personalidade como um conjunto de traços estáticos ou como resultado de processos psicofísicos causais e lineares. Para a fenomenóloga, a personalidade é uma formação progressiva das vivências, que se estrutura a partir da constituição entre corpo vivo (*Leib*), vida psíquica (*Psyche*) e espírito (*Geist*), em constante tensão e integração (STEIN, 1932/2003).

Dessa forma, diante da Fenomenologia enquanto método seguro para o acesso à estrutura da pessoa humana e o grande interesse – e necessidade que se impõe – acerca do conhecimento das características constitutivas das peculiaridades humanas, encontramos, no pensamento steiniano, a possibilidade de uma via segura e rigorosa para compreender o constructo da personalidade na Psicologia. Ao invés de reduzi-la a dados observáveis ou mensuráveis, propõe-se a descrevê-la em sua constituição essencial, reconhecendo sua estratificação, sua dimensão ética, sua abertura à comunidade e sua profundidade afetiva. Longe de ser apenas uma alternativa metodológica, essa proposta funda uma concepção integral da pessoa, capaz de integrar interioridade e exterioridade, subjetividade e objetividade, vida individual e sentido universal.

Aspectos pertinentes ao estudo da personalidade na obra de Edith Stein

A Fenomenologia permite identificar a essência (quididade) dos fenômenos psíquicos, distinguindo consciência empírica, investigada pela Psicologia, de consciência pura, objeto da Fenomenologia (HUSSERL, 1911/1965). A partir desse método, Husserl (1952/2014) propõe a distinção e interrelação entre corpo, psique e espírito, articulando formas de compreensão da

psique pela causalidade e pela motivação, ou seja, pela relação psicofísica e pelo sentido das experiências humanas. Edith Stein (1922/2005; 1932/2003; 1950/2007) expande a reflexão de Husserl, aplicando o método fenomenológico à Psicologia e à Antropologia. Stein descreve a pessoa humana como constituída por três dimensões: corpo vivo, psique e espírito, distinguindo-as sem reduzi-las ou separá-las, compreendendo-as como um “microcosmo” interdependente, uma totalidade complexa (DULLIUS, 2019).

O corpo vivo (*Leib*) é a manifestação concreta da interioridade, distinto do corpo físico (*Körper*), que se limita ao objeto material. Como observa Stein (1920/2005), o corpo vivo é animado, expressivo e dotado de uma unidade própria, servindo como veículo das experiências psíquicas e espirituais, sendo o ponto de partida para a percepção e a interação com o mundo. Ele não é apenas um instrumento biológico, mas o lugar onde se articulam inclinações, afetos, percepções e intencionalidade, formando o núcleo experiencial do sujeito.

A psique, por sua vez, corresponde à esfera da passividade, da recepção de estímulos e da reação às impressões externas e internas. É na psique que se registram sensações, percepções, emoções, cognições e caráter. No entanto, Stein distingue cuidadosamente a psique da alma no sentido religioso-metafísico, ressaltando que a primeira é dependente do corpo vivo e está submetida às leis da causalidade, enquanto a alma metafísica transcende o corpo e não passa por evoluções ou condicionamentos. A psique é, portanto, um campo de efetividade real e mensurável, atravessado por estados mutáveis, mas já impregnado pela intencionalidade do espírito, que atua orientando e “modulando” suas respostas (STEIN, 1932/2003).

O espírito constitui a dimensão especificamente humana, marcada pela liberdade, pela capacidade de reflexão e pela criatividade. É ele que permite ao ser humano “sair de si” para contemplar suas próprias experiências, estabelecer valores e gerar sentido para a vida. Essa dimensão, distinta da psique reativa, realiza atos intencionais e voluntários que moldam o ser humano em sua singularidade. Segundo Stein (1950/2007), o espírito ilumina as outras dimensões, orientando corpo e psique e possibilitando que o indivíduo exerça controle consciente sobre suas reações e decisões. A liberdade espiritual não elimina a influência do mundo externo, mas permite a construção de uma vida pessoal única, capaz de integrar experiências sensoriais, afetivas e intelectuais de maneira coerente e responsável.

A relação entre corpo, psique e espírito é dinâmica e recíproca. Stein distingue dois modos de interação: a causalidade, que explica as influências automáticas e naturais entre corpo e psique, e a motivação, que conecta o espírito às demais dimensões em atos conscientes e intencionais (STEIN, 1922/2005). Essa interconexão permite compreender a pessoa humana

como unidade indissociável: a fenomenologia steiniana evidencia que os atos do espírito não são meramente abstrações, mas orientam a expressão da psique e a vivência corpórea, produzindo comportamentos, hábitos e escolhas que refletem a singularidade de cada sujeito.

Na tradição fenomenológica, a investigação filosófica deve partir do próprio ser humano, considerado capaz de conhecer a si mesmo e o mundo que o cerca. Nesse sentido, Edith Stein, alinhando-se às reflexões de Husserl, adota a percepção como ponto de partida para analisar a condição humana, uma vez que é por meio das sensações que o indivíduo se relaciona com o mundo físico e acessa a consciência de seu corpo, psique e espírito (ALES BELLO, 2006). Stein (1922/2005) inicia sua análise distinguindo os aspectos internos e externos do humano, considerando que as impressões sensoriais externas despertam sentimentos e ativam estados anímico-corporais. O ser humano pode reagir instintivamente, reprimir impulsos ou agir de forma livre e voluntária, evidenciando que a percepção constitui a base de toda experiência vivida. Assim, a percepção não se limita ao contato com o mundo físico, mas representa um ato intencional e consciente, capaz de revelar a estrutura da vida anímica e espiritual.

Segundo Lersch (1966), a vivência humana envolve a interação com o mundo acompanhada de um dar-se conta, que se manifesta desde a apreensão sensorial até a percepção consciente e a reflexão intelectual. Essa vivência inclui instintos, sentimentos sensíveis, estados anímico-corporais e emoções, compondo a vida anímica pontual. Contudo, tais manifestações não são isoladas; refletem faculdades permanentes, como sentidos, instintos e modos de ser: a observação integrada de movimentos anímicos e manifestações externas – o que Stein denomina “espelho da alma” – possibilita a apreensão do modo de ser duradouro do indivíduo (STEIN, 1922/2005). Os atos pontuais funcionam como atualizações das potências da alma, que, por sua vez, podem desenvolver hábitos, virtudes ou habilidades. Esse processo pode ser sintetizado em continuidade: estímulos exteriores → atos pontuais → desenvolvimento das potências.

Além disso, a percepção humana é distinta de processos puramente fisiológicos ou instintivos, pois constitui um ato espiritual direcionado ao conhecimento e à compreensão do mundo. Conforme Dullius (2019), comprehende-se que a capacidade de perceber e sentir estrutura o ser humano, sendo a alma o princípio ativador das potências individuais e orientando sua formação integral. Portanto, para Stein, a percepção não é apenas um fenômeno sensorial, mas o ponto inicial e fundamental da investigação antropológico-filosófica: por meio dela, é

possível analisar a vida anímica, os estados espirituais e o desenvolvimento das faculdades humanas permanentes.

Na análise fenomenológica de Edith Stein, a percepção humana deve ser compreendida não como um processo psicofísico, mas através da intencionalidade, característica fundamental da vida do espírito humano. A intencionalidade direciona a atenção e a consciência para os objetos, promovendo uma busca por compreensão e sentido, organizando os dados sensíveis dentro de uma estrutura significativa. Assim, o humano não percebe os elementos isoladamente, mas integrados em um todo dotado de significado: por exemplo, um utensílio metálico com pontas não é percebido apenas como metal ou objeto pontiagudo, mas como um “garfo”, isto é, um objeto destinado à alimentação (ALES BELLO, 2006; STEIN, 1920/2005).

Stein metaforicamente descreve a intencionalidade como “feixes de luz”, capazes de iluminar tanto o mundo exterior quanto o interior do sujeito. Diferentemente dos instintos, que têm predominância sobre o mundo exterior e não possuem intencionalidade, a intencionalidade é direcionada, consciente e voluntária. A partir dessa intencionalidade, ocorre uma ordenação do material sensível, que passa por percepção, abstração, reflexão e organização. Essa capacidade de estruturar o mundo é realizada pelo intelecto (*Verstand* ou *Intellekt*), que permite ao humano voltar-se à forma das coisas, reconhecer padrões, compreender estruturas e, assim, direcionar suas ações de modo livre. “O espírito é junto, intelecto e vontade; conhecer e querer se condicionam reciprocamente” (STEIN, 1932/2003, p. 651), ou seja, o “eu inteligente”, que conhece, consegue identificar motivações provenientes do mundo dos objetos e responder a elas de forma voluntária e consciente, integrando intelecto e vontade (STEIN, 1920/2005; 1932/2003).

O ato intencional configura o eu diante dos objetos e permite que os dados sensíveis convidem a atos perceptivos novos, gerando um ciclo contínuo de percepção, reflexão e ação, pelo qual o espírito humano ordena a realidade sensível em estruturas mais complexas (STEIN, 1932/2003; 1922/2005). Além de organizar os dados sensíveis para compreensão intelectual, a intencionalidade possui uma função espiritual e ética, como visto, pois orienta o humano para o desdobramento de si mesmo e o auxílio ao desdobramento dos outros, alinhando-se com a liberdade pessoal, a vontade e o universo de valores de cada ser humano (STEIN, 1930/1999).

A percepção humana não se restringe ao mundo exterior, mas também se dirige ao corpo vivo (*Leib*), que é sentido de dentro para fora. O humano percebe seu corpo como um todo vivido, sentindo cada parte e integrando essas sensações à sua vivência consciente. O sentir é inicialmente impessoal, constituindo percepção sensível, mas, quando integrado à consciência,

permite que o eu pessoal se manifeste intencionalmente. O corpo vivo, portanto, não é apenas um corpo físico, mas um instrumento permeado pela alma, no qual a psique e o espírito se interpenetram (STEIN, 1932/2003). A vida anímica humana manifesta-se tanto em estados mutáveis, que refletem alterações qualitativas de sentimentos e emoções, quanto em qualidades permanentes, como temperamento, virtudes e capacidades sensoriais (STEIN, 1920/2005).

A percepção integra a consciência humana, que, como uma janela, é capaz de iluminar tanto o mundo exterior quanto o interior. Ela pode ser direcionada a diferentes campos de atenção, permitindo ao humano perceber objetos e situações com intensidade focalizada ou periférica. A consciência permite que o ser humano explore sua interioridade, desenvolva percepção do outro, do mundo e da dimensão transcendental, e experiencie a capacidade de “sair de si”, projetando atenção, sensibilidade e desejo a contextos distintos de sua corporalidade (DULLIUS, 2019). Assim, a psique humana, constituída de corpo vivo e alma psíquica, se expressa na percepção, intencionalidade e vivência consciente, formando a base para o autoconhecimento e para a compreensão fenomenológica da experiência humana, sob a qual e a partir da qual se erige tudo o que envolve a peculiaridade e a singularidade humanas (STEIN, 1920/2005; 1950/2007; ALES BELLO, 2015; ALMEIDA, 2016).

Há ainda, nesse entrelaçamento da estrutura humana, há a “força vital” como um princípio energético fundamental da alma humana, imprescindível para que os processos psíquicos causais se tornem conscientes. Essa força não se confunde com a mera atividade física, mas se insere na esfera vital, que vai além da consciência intencional e das qualidades sensíveis do corpo, permitindo a manifestação de sentimentos vitais, estados e suas nuances (STEIN, 1922/2005). A força vital não é homogênea em intensidade: todos os indivíduos a possuem, mas de modo singular, sendo acionada por conteúdos ou “materiais” que provocam a movimentação interna da alma.

Além de atuar sobre a psique, a força vital apresenta inter-relações entre esferas física e espiritual. O cansaço físico pode reduzir a disponibilidade de energia psíquica e espiritual, assim como esforços espirituais intensos geram cansaço físico, demonstrando a interdependência das esferas humanas. A reposição dessa força ocorre por meio de atos internos ou externos, como regozijar-se com os sentidos advindos da leitura de um livro ou obter descanso através do sono restaurador, refletindo a interação dinâmica entre o ser humano e o mundo que o cerca (STEIN, 1932/2003; DULLIUS, 2019). Stein demonstra como a reposição da força vital requer, portanto, equilíbrio entre atividades físicas, psíquicas e espirituais. A força de vontade por exemplo, uma potência específica da alma, pode ser

fortalecida pelo exercício contínuo, aumentando a capacidade de orientar atos e desenvolver hábitos, enquanto o livre-arbítrio, outra faculdade humana, permanece capaz de decidir, independentemente da quantidade de força disponível (STEIN, 1932/2003; DULLIUS, 2019).

Stein diferencia entre a unicidade da força e sua manifestação em múltiplas potências da alma, utilizando o plural “forças” para indicar as diversas direções em que a energia pode se dispersar, de acordo com a necessidade de ativação de determinada potência ou reação frente ao conteúdo que a solicitou. Nesse sentido, a força vital atua como um motor psíquico invisível, que impulsiona os sentimentos e atos conscientes, mas não é vivida diretamente. Ela determina a intensidade e a qualidade das experiências vividas, moldando a unidade de significado que cada indivíduo atribui às suas ações e percepções, o que atuará para evidenciar diferenças nas expressões individuais, constituindo-as como singulares (STEIN, 1932/2003).

A esfera vital funciona como um anteparo que integra e fundamenta o fluxo das vivências, permitindo uma forma de causalidade psíquica qualitativa, distinta do determinismo físico. As alterações nos estados psíquicos resultam da entrada ou retirada de energia vital, sendo essa energia a “causa” dos eventos psíquicos, e as mudanças qualitativas, seu “efeito” (STEIN, 1922/2005; ALES BELLO, 2015; ALMEIDA, 2016). Essa causalidade não é mensurável, permitindo apenas a formulação de generalidades eidéticas que descrevem tendências ou linhas de reação, sem previsibilidade absoluta. Assim, a intensidade das respostas psíquicas depende tanto da força vital disponível quanto da quantidade de energia direcionada a uma atividade ou reação específica (STEIN, 1922/2005).

Tais respostas também dependerão de outra dimensão: no desenvolvimento humano, a alma desempenha papel central. Para Stein, a alma é a forma essencial do ser vivo, conferindo unidade e particularidade ao ente e sendo responsável pela configuração do indivíduo em suas dimensões sensíveis e espirituais (STEIN, 1950/2007; DULLIUS, 2019). A alma permite ao ser humano integrar corpo, consciência, vontade e razão, funcionando como o núcleo da pessoa, ponto de convergência de impulsos internos e externos, espaço de habitação do eu pessoal e mediadora da liberdade consciente. Enquanto sensível, a alma habita e opera sobre o corpo vivo; enquanto espiritual, transcende e interage com o mundo, propiciando ao indivíduo a capacidade de estar consigo mesmo e com sua essência (STEIN, 1932/2003; 1950/2007).

Stein destaca a profundidade da alma, representando uma dimensão interna onde experiências, vivências e impressões se “trabalham” e se organizam. Os níveis de profundidade da alma determinarão a intensidade e a eficácia das respostas psíquicas: vivências profundas mobilizam toda a estrutura anímica, enquanto experiências superficiais podem permanecer

restritas a atos intelectivos ou impessoais. Stein (1920/2005) identifica que, em situações de conflito entre estados psíquicos, prevalece aquele situado em maior profundidade, independentemente da intensidade aparente de outro sentimento mais superficial.

A alma, ao atuar como núcleo e mediadora entre sensibilidade e espiritualidade, é também o espaço de autoconfiguração (*Selbstgestaltung*), no qual se desenvolvem potências, hábitos e valores. O contato consciente com o mundo exterior, mediado pela percepção sensível e pelos valores, alimenta a formação do eu pessoal e contribui para o amadurecimento integral do ser humano, permitindo que ele se torne “si mesmo” e se abra à dimensão do infinito, transcendente, a Deus (DULLIUS, 2019; STEIN, 1932/2003). Portanto, para Stein, a força vital e a alma constituem princípios estruturantes do ser humano, essenciais para a manifestação de consciência, liberdade, afetividade, razão e ações. Elas explicam tanto a singularidade de cada indivíduo quanto a dinâmica de desenvolvimento de seu eu pessoal, mostrando que o ser humano não é apenas corpóreo ou espiritual isoladamente, mas uma unidade integrada, cuja liberdade e profundidade dependem da articulação entre corpo, psique, espírito e energia vital (STEIN, 1932/2003; 1950/2007; DULLIUS, 2019).

Todos os aspectos até aqui expostos apontam para elementos da estrutura humana que, sendo universais, também permeiam a explicação da singularidade ou a possibilidade da constituição de diferenciações individuais. Há ainda a necessidade de observações acerca da dimensão do espírito. Para Edith Stein (1922/2005; 1932/2003; 1950/2007), a humanidade do ser humano, isto é, a quididade do homem, manifesta-se especialmente nos atos espirituais livres, que se configuram tanto na aceitação, quanto na refutação consciente. Tais atos implicam não apenas ações, mas o estar consciente de decidir, dando sentido e razão ao posicionamento do indivíduo diante do mundo, integrando psique, corpo e realidades externas. A liberdade humana, portanto, consiste na capacidade de voltar-se a algo, escolher e formar-se, assumindo responsabilidade sobre si mesmo e sobre o mundo (ALMEIDA, 2016; ALES BELLO, 2015).

O ser humano, ao exercer atos livres, torna-se Pessoa, isto é, um “eu” consciente e livre que articula corpo, alma e espírito. O eu inteligente conhece o mundo e suas motivações, e sua ação voluntária depende desse conhecimento; assim, liberdade e responsabilidade se entrelaçam, estabelecendo a relação entre poder e dever (STEIN, 1932/2003; 1920/2005). A Pessoa não é apenas o eu consciente, mas uma unidade integrada, cuja profundidade da alma permite reconhecer o outro como livre e singular, abrindo-se à intersubjetividade e à interioridade alheia (DULLIUS, 2019).

O espírito humano é constituído pelo entrelaçamento de intelecto e vontade, cuja operação permite conhecer, querer e agir de forma intencional. A vontade organiza a vida psíquica e corpórea, formando hábitos e orientando ações, enquanto o intelecto fornece o discernimento necessário para posicionamentos conscientes. O ato do *fiat*, ou “faça-se”, concretiza a intenção consciente, ativando o querer na ação e vinculando liberdade, moralidade e valor (STEIN, 1922/2005; ALES BELLO, 2015). Stein também relaciona a abertura espiritual à Graça divina, enfatizando que liberdade e as vivências próprias da espiritualidade (observáveis no ser humano) são pré-requisitos para a filiação divina, que requer cooperação do indivíduo (DULLIUS, 2019).

Ainda, em contraposição à causalidade psíquica, Stein descreve a existência da “motivação”, que representa uma lei interna que conecta atos, percebendo e sintetizando vivências espirituais, guiando a ação racional e voluntária. Diferentemente da compreensão de motivação do senso comum, que depende de estímulos externos, a motivação steiniana é interna, racional e espiritual, estruturando o fluxo das vivências e potencializando o agir humano a partir do sentido e dos valores escolhidos (STEIN, 1922/2005; DULLIUS, 2019; MUÑOZ, 2016).

A antropologia fenomenológica de Stein revela, portanto, a compenetração corpo-alma-espírito, superando dicotomias cartesianas e dualistas. O corpo vive, a alma experimenta e o espírito orienta; todos são indivisíveis e mutuamente formativos, evidenciando que emoções profundas mobilizam respostas físicas e expressões comportamentais, como a linguagem, o olhar e gestos corporais (STEIN, 1932/2003; DULLIUS, 2019). O eu pessoal ou núcleo pessoal atua como o centro da Pessoa, determinando a singularidade dos atos, articulando corpo, alma e espírito e integrando experiências internas e externas. Esse núcleo possibilita o autoconhecimento, a autoeducação e a formação integral, direcionando a pessoa para o que ela pode e deve ser, enquanto ser livre (ALMEIDA, 2016; STEIN, 1932/2003).

Depreende-se da análise steiniana que a formação do ser humano envolve equilíbrio das forças, educação da vontade e ativação das potências internas, de modo que a liberdade humana permite uma autoformação, um decidir-se a partir da própria essência e agir em consonância com valores morais e espirituais (STEIN, 1932/2003; DULLIUS, 2019). A natureza íntegra e o estado perfeito do espírito aparecem como metas da formação humana, atingíveis mediante o uso da liberdade, autoconhecimento e cooperação com influências externas, sempre visando a realização da própria essência e a expressão autêntica da pessoa (STEIN, 1932/2003; DULLIUS, 2019). Em síntese, para Stein, a Pessoa humana é livre, espiritual e responsável,

capaz de abrir-se ao mundo e ao outro, orientar-se pela razão, agir conforme a vontade e desenvolver-se integralmente, integrando corpo, alma e espírito em busca de sua realização plena.

A constituição da Personalidade Humana: peculiaridade, potencialidade e liberdade frente às vivências pessoais e comunitárias

Desenrola-se até aqui o seguinte panorama: Edith Stein desenvolve uma análise detalhada das dimensões humanas, corpo, alma e espírito, evidenciando suas relações intrínsecas e distintas. Ao explicitar essa estrutura, Stein permite identificar aquilo que é essencialmente humano: a liberdade e a capacidade de direcionamento intencional, com sentido e finalidade. A partir da dimensão espiritual, o humano torna-se capaz de perceber seu mundo interior e o do outro, exercitando sensibilidade, reflexão e entendimento. Essa percepção, mediada pela relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, evidencia a necessidade de refletir sobre educação, formação humana e desenvolvimento interior, revelando uma profundidade da alma dotada de força e dinamismo (SANTOS, 2021).

A alma, em sua constituição, articula razão, vontade e ânimo, ativando as capacidades humanas. As estruturas da natureza humana operam em uma movimentação interior que se manifesta nos pensamentos, emoções, disposições e ações diante do vivido. Da consciência e da liberdade surgem os fundamentos da vida moral, orientando escolhas, propósitos e abertura à espiritualidade. Assim, o humano é capaz de desenvolver-se plenamente de maneira específica, individual e orientada, refletindo a peculiaridade de cada alma (SANTOS, 2021).

Nesse processo, Stein identifica o “centro da alma” como eixo estruturante, irradiando sobre toda a constituição do ser humano e contribuindo para a formação da personalidade a partir do caráter. O caráter consiste na totalidade das qualidades psíquicas, especialmente nos âmbitos afetivo e da vontade. A sensibilidade e o entendimento influenciam o desenvolvimento do caráter, mas não o constituem diretamente. O caráter é, sobretudo, a capacidade de apreender valores, transformando-os e aos sentimentos em atos da vontade e ação, ordenando a vida interior segundo hierarquias e profundidade de valores, gerando mudança na disposição da alma e impactando a vivência da Pessoa. Isso implica que o ser humano não está determinado por motivos externos, podendo, por exemplo, optar ou por seguir um processo racional, ou permitir que emoções e disposições cresçam sem controle. Assim, virtudes e vícios se configuram como hábitos que delineiam o caráter, entendido como resultado de uma formação intencional e livre,

fundamentada no conhecimento da essência da pessoa e orientada por um ideal (STEIN, 1931/2007). Já a “falta” de caráter – que não relaciona-se com o sentido utilizado no senso comum – diz-se de quando ocorre a incapacidade de estimar valores adequadamente ou de impor a vontade frente a obstáculos, sendo esta condição relacionada a estados de energia vital reduzida (STEIN, 1920/2005).

O caráter humano, portanto, se constitui a partir das potências, hábitos e atos intencionais. Stein distingue caráter *a priori* (potência) de caráter adquirido (hábito). O caráter molda a personalidade, mas não determina previsivelmente as reações humanas, dada a complexidade e singularidade do ser humano. Há, portanto, um vínculo entre núcleo da pessoa, alma e caráter, em que a abertura aos valores e sentidos estabelece uma qualidade recíproca entre interioridade e personalidade. Sentimentos e estados de ânimo manifestam-se em diversos níveis, modulando a personalidade conforme a profundidade da alma e sua relação com os valores incorporados (STEIN, 1920/2005). Ainda, sobre o núcleo da pessoa, explicita a fenomenóloga:

A análise da personalidade individual mostra que pertence precisamente à essência da pessoa o não ser uma simples soma de qualidades típicas, mas o possuir um núcleo individual que confira um *selo individual inclusivo a todo traço típico de seu caráter* (STEIN, 1922/2005, p. 472 – grifo nosso).

Stein descreve o núcleo da pessoa como fonte de traços típicos do caráter, conferindo selo individual que perpassa toda a personalidade. Este núcleo não é produto do desenvolvimento, mas direciona a evolução do ser humano e estabelece limites às possibilidades de transformação psíquica, preservando a consistência interna do eu. Ele atua como guia para a formação da alma em concordância com o próprio ser, garantindo que a peculiaridade individual se manifeste em cada ação, possibilitando a manutenção da direção vital e a integração entre experiências pessoais e comunitárias (SANTOS, 2021).

Em “Introdução à Filosofia” (1920/2005), Stein considera que pessoas distintas podem apresentar disposições naturais equivalentes. Ela observa que tais disposições podem compartilhar níveis semelhantes ou atributos qualitativos e quantitativos próximos, mas que, devido a múltiplas influências – incluindo o desenrolar de seus próprios estados psíquicos – o desfecho é a formação de individualidades distintas (STEIN, 1922/2005). Ainda assim, essa individualidade não coincide com a ideia de peculiaridade, que corresponde a um elemento presente em toda a vida psíquica e nas qualidades da pessoa, funcionando como um “colorido individual”, isto é, a marca expressiva da essência que constitui seu desenvolvimento. A

peculiaridade emerge do núcleo pessoal, do “centro da alma” ou “alma da alma” (*Kern*), como descreve Stein (1932/2003), orientando o desenvolvimento do caráter e distinguindo cada ser humano de qualquer outro. A peculiaridade é, portanto, inseparável do núcleo, que permanece constante ao longo de processos desenvolvimentais, orientando a autoformação da pessoa.

A individualidade surge de um processo dinâmico em que o “eu” decide consentir ou excluir elementos da constituição pessoal, estabelecendo metas e agindo conforme sua liberdade e discernimento. A liberdade interior diferencia o humano de outros seres vivos, permitindo reflexão, autodeterminação e responsabilidade. A liberdade possibilita o trânsito entre interioridade e exterioridade, orientando atos e escolhas conscientes (STEIN, 1932/2003). Stein ressalta que essa liberdade não é ilimitada, estando sempre condicionada às dimensões internas e externas da existência. Frente ao exposto, a liberdade revela e possibilita as singularidade, individualidade e personalidade humanas, pois permitirá integrar experiências, capacidades e inclinações (SANTOS, 2021).

Edith Stein enfatiza que a expressão genuína da personalidade humana exige união entre alma e corpo. As disposições psíquicas, emergentes dessa integração psicofísica, constituem a base da singularidade individual. A alma, concebida como núcleo do ser humano, irradia continuamente vida e integra a experiência subjetiva, constituindo o ponto de referência para a manifestação da personalidade e permitindo a distinção do ser humano dos demais seres vivos. A corporalidade, além de possibilitar essa individualização, fundamenta a ação espiritual, estabelecendo a consciência da oposição entre si e o mundo e promovendo o desenvolvimento da vida espiritual (STEIN, 1920/2005). Stein propõe então que a personalidade se forma na interação entre a dimensão corporal, psíquica e espiritual, exigindo integração em uma estrutura psicofísica e trânsito consciente para o âmbito espiritual; que não se define isoladamente, mas emerge da união das forças humanas – inteligência, vontade, sentimentos e aptidões – que, quando ordenadas em direção a fins específicos, possibilitam a autoformação do indivíduo. Nesse sentido, a personalidade se distingue da mera participação em tipificações, embora possa se manifestar por meio de tipos humanos ou sociais.

Edith Stein, ao longo de sua produção filosófica, não propõe uma teoria sistemática da personalidade, porém, a partir da noção de peculiaridade, propõe a identificação de tipos humanos formados por agrupamentos de traços essenciais e variáveis (STEIN, 1920/2005). Tendo em vista o que concerne à personalidade e a partir da noção de tipos de caráteres e das relações interpessoais em comunidade, Stein elabora uma tipologia das expressões da singularidade, baseadas nas funções e capacidades sociais da pessoa humana (STEIN,

1930/2003). Os tipos sociais não se reduzem a categorias externas ou deterministas; eles representam formas médias de expressão humana, moldadas pela interação entre elementos internos (singularidade, disposições naturais, genética) e externos (relações sociais e culturais) (DULLIUS, 2019).

A concepção steiniana de tipos humanos implica uma relação complexa entre núcleo da alma, potencialidades inatas e entorno social. Cada indivíduo é irrepetível em sua manifestação concreta, mesmo quando se insere em um tipo social, pois a personalidade transcende e ilumina a configuração social à qual pertence. O tipo social, portanto, é a atualização do ser do indivíduo dentro da comunidade, mas não define integralmente a essência da personalidade, que se mantém dinâmica e autônoma (ESCALERA, 2008). O desenvolvimento da personalidade ocorre de forma gradual, na medida em que o indivíduo internaliza e transforma os valores e exigências do ambiente em sua própria estrutura interna. A atualização de cada tipo humano depende, portanto, de uma ação intencional, de esforço consciente de ordenar as forças interiores em direção a fins elevados, incluindo aspectos culturais e espirituais (STEIN, 1930/2003).

Stein afirma ainda que a personalidade é inseparável da dimensão comunitária, pois o ser humano existe em constante relação com o mundo e com os outros, encontrando na comunidade um campo de reciprocidade que contribui para sua formação. As vivências interpessoais, como empatia, cooperação e confiança, influenciam profundamente o modo como o indivíduo sente, quer e age, mediando a interação entre corpo vivo (*Leib*), alma e espírito (ESCALERA, 2008; STEIN, 1932/2003).

A comunidade participa da formação humana por meio do trabalho educativo e moral, especialmente antes da plena maturidade racional e espiritual do sujeito (STEIN, 1930/1999), e a empatia emerge como elemento central para o reconhecimento da singularidade do outro e para o desenvolvimento da consciência social (STEIN, 1917/2005; DULLIUS, 2019). Assim, em última instância, a personalidade resulta da articulação entre núcleo pessoal, potencialidades inatas e participação comunitária, evidenciando que a vida social não apenas molda o indivíduo, mas permite que ele realize de modo autêntico sua singularidade e contribua para a atualização da cultura e da própria comunidade. A constituição da personalidade humana é concebida não como um produto acabado, mas como um processo contínuo de desvelamento, motivação e desenvolvimento, no qual se articulam o *Leib*, a alma e o mundo interior com as influências externas. A pessoa humana é chamada a realizar suas potencialidades, mas também responde por aquilo que não atualiza – é tanto o que faz quanto o que deixa de fazer. Essa dimensão de

liberdade, enraizada na constituição anímica e espiritual, revela que a personalidade é um processo de contínua atualização, no qual a decisão pessoal tem papel central. O autoconhecimento, nesse sentido, torna-se condição para a condução ética da própria existência (POLAINO-LORENTE; TRUFFINO; ARMENTIA, 2003).

Cabe citar também a noção de personalidade ética, desenvolvida por Husserl e retomada por Santos (2015), que reforça essa perspectiva. Os hábitos, entendidos como sedimentações passivas e como unificações ativas de escolhas, estruturam a individualidade e manifestam-se no caráter e nas atitudes pessoais. A personalidade, portanto, não é apenas resultado de disposições naturais, mas tarefa ética: cabe à pessoa orientar-se segundo seu *telos* próprio, contribuindo para a comunidade e para a humanidade. Essa dimensão teleológica articula a singularidade do indivíduo à história e à universalidade, mostrando que o desenvolvimento da personalidade é inseparável de uma responsabilidade ética que se prolonga para além da vida individual.

Em síntese, pode-se depreender que, a partir de suas investigações, Stein (1920/2005; 1922/2005) evidencia que o ser humano possui uma marca originária, um núcleo da personalidade, que estrutura a constituição antropológica humana. Este núcleo se desdobra na evolução psicofísica, “utilizando” corpo e psique como “instrumentos” para manifestar singularidade, colorido pessoal e peculiaridade individual, ou seja: a peculiaridade de cada indivíduo se delineia como irradiação do núcleo pessoal, que permeia toda a estrutura do ser humano e orienta o fluxo das experiências do sujeito, independentemente do condicionamento ambiental externo, evidenciando que a personalidade requer a existência de uma alma capaz de individualidade, liberdade e responsabilidade. O núcleo orienta a formação da personalidade, direciona vivências, escolhas e posicionamentos frente ao mundo e à comunidade, e atua como fonte de liberdade ontológica.

A personalidade é constituída a partir das disposições originárias do núcleo da pessoa, interagindo com fatores internos e externos que mobilizam a força vital. A atualização do ser não se limita a um estado presente, mas é expressão do processo contínuo de formação, sendo a personalidade o reflexo do momento atual e das tendências de seu desenvolvimento futuro. Stein (1932/2003) afirma que a força vital direciona o desenvolvimento do indivíduo, estabelecendo limites conforme o núcleo pessoal, de modo que hábitos e experiências podem favorecer ou dificultar a expressão plena das potencialidades. A constituição da personalidade envolve, ainda, a força vital distinta de cada indivíduo, que guia os atos livres e confere originalidade à expressão do ser. A liberdade e a consciência são essenciais, aproximando a

capacidade criativa do homem da criação divina, pois apenas a pessoa é capaz de autoconfiguração e de atuar como agente de sua própria formação (STEIN, 1932/2003; MUÑOZ, 2016).

A maturidade da personalidade manifesta-se na harmonia entre disposições internas, influências externas e exercício da vontade, exigindo atenção e esforço consciente na atualização das potencialidades do indivíduo. A interação entre liberdade humana e condições externas molda o caráter e a personalidade. Stein (1920/2005; 1922/2005) evidencia que a personalidade é uma unidade qualitativa formada por alma, corpo e espírito, na qual a individualidade se imprime de modo puro na alma, não sendo determinada integralmente nem pelo corpo nem pelas condições externas. O autoconhecimento permite ao indivíduo orientar suas vivências a partir do núcleo pessoal, promovendo autenticidade, continuidade nas experiências significativas e coerência interior (COELHO; BARREIRA, 2018; MUÑOZ, 2016).

Outro ponto decisivo da análise fenomenológica da personalidade é a valorização da afetividade. Stein e os intérpretes de sua obra sublinham que sentimentos não se reduzem a reações emotivas, mas constituem atos intencionais que revelam valores. Os afetos, ao moverem a interioridade, são decisivos para o conhecimento de si e do outro, estabelecendo ressonâncias que moldam o núcleo pessoal e sua abertura ao mundo. Assim, conhecer e querer, liberdade e vontade, encontram-se estreitamente vinculados, compondo a trama viva pela qual a pessoa se constrói em sua singularidade e historicidade (STEIN, 1920/2005; HUSSERL, 1954/2012). Nesse horizonte, Stein evidencia que a personalidade não é um constructo estático ou predeterminado, mas um processo teleológico de autoformação, em que a singularidade do núcleo pessoal se realiza na interação com forças internas e externas, inteligência, vontade e disposições, e na inserção do indivíduo em contextos sociais e culturais. A vida intelectual e prática, quando orientada corretamente, possibilita o enriquecimento da personalidade e a expressão de tipos humanos autênticos, voltados a fins específicos, que manifestam a originalidade e irrepetibilidade de cada ser humano, mesmo em meio às circunstâncias sociais e comunitárias delimitadoras da experiência.

Considerações finais

A Psicologia, enquanto ciência, ainda enfrenta dificuldades para delimitar com precisão seus fundamentos e objetos de estudo, especialmente devido ao predomínio histórico do

naturalismo, que reduz a personalidade humana a explicações biológicas ou ambientais. Em contraste, a antropologia fenomenológica de Edith Stein, constituída a partir da fidelidade ao método de Edmund Husserl, oferece uma compreensão mais ampla da constituição humana ao integrar corpo, psique e espírito como dimensões inseparáveis e dinâmicas.

A personalidade, então, é uma estrutura de constituição dinâmica, que atravessa todas as dimensões do ser humano e resulta em uma peculiaridade pessoal e singular, orientada por valores e constantemente atualizada nas vivências pessoais e comunitárias. A perspectiva fenomenológica de Stein permite compreender a personalidade humana como expressão da essência singular do sujeito, sendo o resultado da integração entre disposições originárias, vivências psíquicas, experiências culturais e relações interpessoais, constituindo-se, assim, em objeto legítimo da Psicologia Fenomenológica.

Sua abordagem destaca que a formação da personalidade humana depende tanto das condições exteriores quanto do núcleo pessoal, compreendido como centro unificador das potências humanas e sede da autoconfiguração livre e ética. A alma articula as dimensões humanas, possibilitando a sedimentação de hábitos, o desenvolvimento do caráter e a expressão responsável da individualidade. Além disso, Stein evidencia que a compreensão da personalidade exige considerar também as relações interpessoais, a empatia e a vida comunitária, pois a intersubjetividade é constitutiva do processo formativo humano. A formação da personalidade é um processo dinâmico e orientado por fins, em que consciência, inteligência e vontade permitem ao indivíduo expressar sua singularidade, articulando-se com os tipos sociais sem se dissolver neles. A experiência comunitária, portanto, é indispensável para que a personalidade alcance sua plenitude, integrando singularidade pessoal e inserção sociocultural.

A fenomenologia steiniana, assim, oferece um quadro conceitual sólido para uma Psicologia da Personalidade que busca compreender o ser humano em sua totalidade. Ao privilegiar a experiência vivida, a intencionalidade e a liberdade, essa perspectiva fundamenta práticas clínicas, educativas e investigativas mais rigorosas, capazes de superar as limitações do naturalismo e aprofundar o estudo da constituição pessoal, do caráter e da relação entre liberdade, valores e experiências, consolidando uma Psicologia Fenomenológica comprometida com a complexidade e singularidade da pessoa humana.

Referências Bibliográficas.

- ALES BELLO, A. **Fenomenologia e ciências humanas**: psicologia, história e religião. Bauru: EDUSC, 2004.
- ALES BELLO, A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: EDUSC, 2006.
- ALES BELLO, A. **Edith Stein**: A paixão pela verdade. Curitiba: Juruá, 2014.
- ALES BELLO, A. **Pessoa e comunidade**. Comentários: Psicologia e ciências do espírito de Edith Stein (J. T. Garcia, & M. Mahfoud, Trads.). Belo Horizonte: Artesã, 2015.
- ALLPORT, G. W. **Personalidade**: Padrões e desenvolvimento. São Paulo: EDUSP, 1973.
- ALMEIDA, E. **Assim como nossos pais? Possibilidades de reinvenção nas relações de conjugalidade**. 2016. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
- BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica**: Uma perspectiva crítica em psicologia. (3. ed.). São Paulo: Cortez, 2007.
- COELHO, A. G., JR.; BARREIRA, C. R. A. Formação da personalidade autêntica e corporeidade à luz de Edith Stein. **Psicologia USP**, 2018, 29 (3), pp. 345-353. <https://doi.org/10.1590/0103-656420180136>
- DULLIUS, V. F. **A consciência no processo de formação docente no curso de pedagogia**: Luzes a partir de Edith Stein [Manuscrito não publicado], 2019. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Escola de Educação e de Humanidades (EEH), Programa de pós-graduação em Teologia (PPGT-PUCPR).
- ESCALERA, F. M. La noción de tipo como base para una nueva filosofía de la cultura. In: SANTOS, U. F. (Ed.). **Para comprender a Edith Stein**. Claves biográficas, filosóficas y espirituales [Para compreender Edith Stein. Chaves biográficas, filosóficas e espirituais], (pp. 243-265). Madrid: Ediciones Palabra, S.A, 2008.
- GOTO, T. A. **Introdução à Psicologia Fenomenológica**: A nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo: Paulus, 2008a.
- GOTO, T. A. A (re)constituição da Psicologia Fenomenológica em Edmund Husserl. **Phenomenological Studies (Revista da Abordagem Gestáltica)**, 2008b, v. 14, n. 1, p. 137-138. Disponível em: [https://www.academia.edu/79518178/A_re_constitui%C3%A7%C3%A3o_da_Psicologia_Fe nomenol%C3%B3gica_em_Edmund_Husserl](https://www.academia.edu/79518178/A_re_constitui%C3%A7%C3%A3o_da_Psicologia_Fenomenol%C3%B3gica_em_Edmund_Husserl). Acesso em: 15 nov. 2025.

- GOTO, T. A.; MORAES, M. A. B. de. A concepção de fenomenologia para Edith Stein. **Revista Filosófica São Boaventura**, Uberlândia, v. 10, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/26/25>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. **Teorias da Personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- HEIDBREDER, E. **Psicologias do século XX**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.
- HUSSERL, E. **Filosofia como ciência de rigor** (A. Beau, Trad.). Coimbra: Atlântida, 1911/1965.
- HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: Uma introdução à filosofia fenomenológica. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1954/2012.
- HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ed. Ideias e Letras, 1952/2014.
- JOHN, O. P.; ROBINS, R. W.; PERVIN, L. A. **Handbook of personality**: Theory and research [Manual de personalidade: Teoria e pesquisa]. New York: The Guilford Press, 2008.
- LERSCH, P. **La estructura de la personalidad** [A estrutura da personalidade]. Barcelona: Editorial Scientia, 1966.
- LIBRÁN, E. C. **Manual de psicología de la personalidad** [Manual de psicología da personalidade]. San Vicente (Alicante): Editorial Club Universitario, 2015.
- LIVESLEY, W. J.; LARSTONE, R. **Handbook of personality disorders** – Theory, research and treatment [Manual de disordens da personalidade – Teoria, pesquisa e tratamento]. New York: The Guilford Press, 2018.
- MARTINS, L. M. A natureza histórico-social da personalidade. **Cad.Cedes**, 2004, 24 (62), pp. 82-99. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100006>
- MORAES, M. A. B. de. **O problema mente-corpo na psicologia fenomenológica de Edith Stein**: Implicações para uma fundamentação da ciência psicológica. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós Graduação em Psicologia.
- MUÑOZ, R. S. **Introducción al personalismo de Edith Stein** [Introdução ao personalismo de Edith Stein]. Colección Biblioteca Filosófica 2. México, D.F: Universidad Pontificia del Mexico, 2016.

- POLAINO-LORENTE, A.; TRUFFINO, J. C.; ARMENTIA, A. del P. **Fundamentos de psicología de la personalidad** [Fundamentos de psicología da personalidade]. Universidad de Navarra, Instituto de Ciencias para la Familia. Madrid: Ediciones Rialp S.A., 2003.
- SAHAKIAN, W. S. **Historia y sistemas de la psicología**. Madrid: Tecnos, 1982.
- SANTOS, U. F. Hábitos, Carácter y Personalidad em Husserl. **Investigaciones Fenomenológicas** [Investigações Fenomenológicas], 2015, 6 (3), pp. 119-134.
- SANTOS, T. M. L. **A formação da personalidade humana na antropologia fenomenológica de Edith Stein** [recurso eletrônico]. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Uberlândia. Orientador: Tommy Akira Goto. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.585>. Acesso em: 11 nov. 2025.
- SERRA, F. R. Construtos na pesquisa em estratégia: definição e clareza. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, 2019, v. 18, n. 2, p. 1-5. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3312/331267195001/>. Acesso em: 15 nov. 2025.
- STEIN, E. **A Mulher**: Sua missão segundo a natureza e a graça (A. J. Keller, Trad.). Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 1930/1999.
- STEIN, E. El intelecto y los intelectuales. In: SANCHO, F. J.; URKIZA, J., **Obras completas: Escritos antropológicos y pedagógicos – Magisterio de vida cristiana**, 1926-1933 [Obras completas: Escritos antropológicos e pedagógicos – Magistério de vida cristã, 1926-1933] (v. IV, pp. 215-229). Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen, 1930/2003.
- STEIN, E. Estructura de la persona humana. In: SANCHO, F. J.; URKIZA, J., **Obras completas: Escritos antropológicos y pedagógicos – Magisterio de vida cristiana**, 1926-1933 [Obras completas: Escritos antropológicos e pedagógicos – Magistério de vida cristã, 1926-1933] (v. IV, pp. 553-749). Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen, 1932/2003.
- STEIN, E. Sobre el problema de la empatía. In: SANCHO, F. J.; URKIZA, J., **Obras completas: Escritos filosóficos – Etapa fenomenológica**, 1915-1920 [Obras completas: Escritos filosóficos – Etapa fenomenológica, 1915-1920] (v. II, pp. 53-204). Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen, 1917/2005.
- STEIN, E. Introducción a la filosofía. In: SANCHO, F. J.; URKIZA, J., **Obras completas: Escritos filosóficos – Etapa fenomenológica**, 1915-1920 [Obras completas: Escritos

filosóficos – Etapa fenomenológica, 1915-1920] (v. II, pp. 655-913). Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen, 1920/2005.

STEIN, E. Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. In: SANCHO, F. J.; URKIZA, J., **Obras completas: Escritos filosóficos – Etapa fenomenológica, 1915-1920** [Obras completas: Escritos filosóficos – Etapa fenomenológica, 1915-1920] (v. II, pp. 205-520). Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen, 1922/2005.

STEIN, E. Acto y potencia. Estudios sobre una filosofía del ser. In: SANCHO, F. J.; URKIZA, J., **Obras completas: Escritos filosóficos – Etapa del pensamiento cristiano, 1921-1936** [Obras completas: Escritos filosóficos – Etapa do pensamento cristão, 1921-1936] (v. III, pp. 223-536). Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen, 1931/2007.

STEIN, E. Ser finito y Ser Eterno. In: SANCHO, F. J.; URKIZA, J. **Obras completas: Escritos filosóficos – Etapa del pensamiento cristiano, 1921-1936** [Obras completas: Escritos filosóficos – Etapa do pensamento cristão, 1921-1936] (v. III, pp. 587-1200). Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen, 1950/2007.

WELLEK, A. Las aproximaciones fenomenológica y experimental a la psicología y la caracterología. In: DAVID, H. P.; VON BRACKEN, H. (Eds.), **Teorías de la personalidad** [Teorias da personalidade] (pp. 263-282). Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires (Eudeba), 1977.